



EDITORIAL

A declaração oficial da pandemia da SARS-CoV-2 (COVID-19), no dia 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), acarretou impacto em todos os setores da sociedade global. As medidas de restrição de circulação e isolamento, necessárias para conter esta doença infecciosa viral que pode ocasionar uma síndrome respiratória aguda grave determinou a interrupção das aulas presenciais. As atividades de ensino que tradicionalmente ocorriam nos espaços das universidades, colégios, escolas e creches passaram a ocorrer no ambiente residencial de docentes e discentes.

Neste novo cenário experimentamos toda sorte de situações resultantes do convívio em tempo integral com nossos familiares, e porque não, com vizinhos também. E lá vamos nós, tentar manter a concentração em meio a diversidade de sons alheios ao nosso domínio e vontade (TV alta, gritos, latidos, músicas, brigas, birras e festas clandestinas), auxiliar os conhecidos na resolução de exercícios escolares, acompanhar filhos e sobrinhos no ensino remoto, e adequar tudo isso as nossas demandas de três reuniões diárias via *Google Meet*, e aos vários questionamentos em relação à docência em tempos de pandemia: *Como fazer isso acontecer? Qual aplicativo utilizar? Como transportar as atividades presenciais de forma remota? Todos conseguirão participar dessa modalidade de ensino? Sem o olho no olho, como saberei se estão aprendendo?*

Embora os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) e as web conferências fossem ferramentas auxiliares no ensino presencial, estes não eram elementos obrigatórios para o desenvolvimento das atividades docentes. Assim, para acompanhar a obrigatoriedade imposta pela maior crise sanitária e hospitalar da história do Brasil, nos tornamos consumidores vorazes de webinars e simpósios que abordassem o tema *ensino na pandemia e como produzir aulas online* na busca de respostas as nossas inquietações. Durante as inúmeras lives constatamos que realizar reuniões via *Google Meet* e abordar o conteúdo não seria suficiente, mas também teríamos que disponibilizar materiais para os acadêmicos consultarem nos momentos assíncronos, e eis que mais dúvidas surgem: - *Sem biblioteca como alunos irão estudar? Como ficam os direitos de autorais e de imagem? Como produzir esses materiais?*

Começamos a ler a respeito das leis de direitos autorais, frequentamos cursos e formações continuadas sobre AVA, serviços de comunicação por vídeo e de repente, aprendemos a utilizar programas de edição de som, imagem e animações. *O que estava acontecendo? Afinal, como desenvolver habilidades tão específicas, era preciso mesmo aprender tudo isso para “um ensino emergencial remoto”?* Ainda, nesse percurso o nosso inseparável computador de todas as horas precisou “ir às pressas” a manutenção, pois, não havia mais “memória” para armazenar as novas mídias e aplicativos que passamos a utilizar diuturnamente. Para melhorar a qualidade da comunicação online também investimos em novos planos de internet, câmeras, iluminação,



microfones, e também na compra de computador quando não era possível a atualização daquele nosso modelo velho de guerra. Dispusemos de um curto espaço de tempo para esforçar-se em aprender novas habilidades e compreender simultaneamente toda disrupção que ocorria no Brasil e no mundo, acredito que ainda vai levar décadas para sedimentarmos todos os eventos que se sucederam nesses últimos 15 meses. Contudo é fato que as disparidades socioeconômicas evidenciadas sobremaneira durante a pandemia, afetaram a educação no país em todos os níveis.

Nas universidades públicas o déficit de acesso as tecnologias digitais, a necessidade de contribuir com a renda familiar e os cortes de recursos pelo Governo para projetos de estímulo e auxílio estudantis e docentes, se refletem no aumento da evasão, abandono e redução do número de matriculados. As regiões Norte e Nordeste do Brasil são as mais impactadas por concentrar comunidades tradicionais, possuem peculiaridades territoriais que dificultam o acesso digital, apresentarem distinção de investimento de recursos e número de Instituições de Ensino Superior desigual, quando comparadas as outras regiões. Assim, deixamos de encontrar virtualmente alunos de outrora e de conhecer potenciais acadêmicos, aqueles que conseguiram permanecer na modalidade remota carecem de internet de qualidade, de ferramentas exclusivas para acesso as aulas e de um ambiente inviolável como a sala de aula, a biblioteca e até mesmo o espaço de convivência para desenvolver plenamente suas atividades.

No momento em que escrevemos este editorial, o Brasil chega a triste marca de 500 mil vidas perdidas pela Covid-19, em um país que deveria ter vacinado 300 mil pessoas, observamos que apenas 18 mil receberam a vacina, a perspectiva do chegado retorno a modalidade presencial parece ambiciosa e inconsequente no momento. Considerando o cenário político complexo que vivemos e os cortes de recursos financeiros nas universidades públicas, é incerto presumir se será concedida as condições necessárias para auxiliar discentes vulneráveis por meio de projetos de auxílio permanência e de inclusão digital. A adaptação é intrínseca a nossa natureza, e nos permitiu adquirir experiência e aprendizado ao longo da história da humanidade, durante esse período pudemos avaliar nossa prática de ensino, refletir sobre as falhas e acertos do modelo tradicional de ensino e não seremos mais os mesmos ao retornamos as aulas presencialmente.

Dormimos professores presenciais e acordamos docentes online, esta repentina disrupção gerou estresse, insegurança e medo, mas não havia como recuar. Ao avançar, se verifica que muitos aspectos do ensino remoto apresentam potencial de permanecerem na modalidade remota, a organização do AVA e a curadoria dos conteúdos realizados serão materiais complementares as aulas presenciais, as avaliações e atividades disponibilizadas pelo AVA permitem o acompanhamento das dúvidas e dificuldades de cada aluno, de forma menos laboriosa. E até mesmo os controversos smartphones poderão ser ferramentas aliadas no retorno as aulas presenciais, com estes aparelhos será possível aplicar avaliações, desenvolver fóruns e realizar leitura de textos disponíveis no AVA. Hoje a pandemia da Covid-19, já é apontada como sindemia-covid caracterizada pela piora no estado de saúde da pessoa, devido as interações social, biológica e econômica da população. Portanto o desafio

da docência não será apenas cuidar do ensino, mas também garantir a sobrevivência e os direitos de acesso à educação aos mais vulneráveis.

É nesses tempos sombrios e de indignação que foi elaborado o primeiro número da RIEcim. Neste número oferecemos aos leitores 10 textos inéditos que apontam para diferentes relatos de experiência, todas bem alinhadas aos propósitos da revista que tem como foco a área de educação, ensino de ciências e educação matemática.

Iniciamos a seção de relatos de experiência divulgando as vozes que ecoam durante a pandemia da COVID-19 e isolamento social. No texto da Marcella Diana Helfenstein Albeirice da Rocha é descrito a vivência de uma enfermeira sanitária vinculada à vigilância epidemiológica de um hospital universitário, em meio à Pandemia da Covid-19. A contribuição de Mateus Lésio Diniz destaca experiências pessoais vivenciadas por um discente, analisando o quanto as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação tiveram papel fundamental na divulgação e no fomento de cursos de formação durante o período de isolamento. Além disso, Walter Walentino no seu relato de experiência como professor da educação básica, formula uma reflexão e discussão do seu percurso enquanto docente de Matemática no atual período de pandemia da COVID-19, apontando as dificuldades e os desafios encontrados na utilização de ferramentas virtuais nas aulas remotas. O olhar do professor também está presente no relato de Sebastião Rodrigues-Moura, ao apresentar uma vivência docente com o objetivo de compreender como se constituem o ensinar e o aprender (aprender) Física em uma experiência formativa no ensino remoto.

Os relatos que focam principalmente nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nas aulas remotas estão presentes neste primeiro número da revista, esses textos demonstram para os(as) leitores(as) os desafios e as perspectivas presentes nessa nova forma de aprender e ensinar que, tanto discentes, quanto docentes, vivenciam durante a pandemia da COVID-19 e isolamento social. Edilaine Rodrigues da Silva Santos, Vânia da Silva Ramos, Fernanda Santos da Silva Cruz e Domenica Palomaris Mariano de Souza descrevem um relato de experiência, cujo intuito foi inserir o maior número de alunos matriculados em uma escola pública de Araguatins-TO no processo de aulas remotas, mediante o uso de metodologia padronizada e anexas para democratizar o processo de ensino-aprendizagem. Nessa direção, o pesquisador Felipe Fernandes Barbosa também buscou no seu trabalho compartilhar com o professor de Ciências diferentes possibilidades de ferramentas que envolvem TDICs para aplicar durante a aula ou mesmo extraclasse. Focando nas TDICs, Shirley da Silva Macedo e Rafaela Silva Miranda, fazendo uso da tecnologia digital *Google Meet*, apresentam as atividades sobre paralelismo e ângulos com materiais recicláveis. Já Michelle Cristina de Sousa Baltazar e Thiago Porto de Almeida Freitas investigam o impacto na aprendizagem dos alunos a partir do ensino remoto de frações com o *software GeoGebra* e aplicativos do Google.

Nesse primeiro número da RIEcim também contamos com pesquisadores estrangeiros. O movimento de internacionalização da revista é concretizada ao publicarmos o texto do Pécio António Chitata e Domingos Arcanjo António Nhampinga, que avaliam as estratégias adotadas por escolas

moçambicanas durante o período da vigência do Estado de Emergência e do Estado de Calamidade, os quais restringiram o contato professor-estudante em sala de aulas Física. Assim como esses autores, João Francisco de Carvalho Choe que também é moçambicano, discute a possibilidade de inserção da educação para carreira no ensino secundário.

Por fim, registramos nossos agradecimentos aos(as) autores(as) e pareceristas e desejamos que os relatos de experiências publicados neste primeiro número possam contribuir para a ampliação do debate sobre o Ensino Remoto Emergencial em tempos de pandemia da COVID-19. Boa leitura!

Alessandro Tomaz Barbosa
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
Editor - RIEcim

Domênica Palomaris Mariano de Souza
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
Editora - RIEcim